

O mistério se adensa...

Gongora nigrita Lindl. - *Gongora pleiochroma* Rehb. f.

Waldemar Scheliga (*)

Em Orquidário, vol.7, n°2, 1993, p. 63-71, publicamos o artigo "*Gongora minax* Rehb.f- *Gongora atropurpurea* Hooker - *Gongora pseudo-atropurpurea* Jenny - *Gongora nigrita* Lindl. - Quatro Espécies em Questão", expondo as diferentes características de cada uma dessas espécies. O objetivo da divulgação, com base nas descrições originais, era um apelo para encontrar material de uma verdadeira *Gongora nigrita*, que correspondesse ao Typus de Lindley.

Na Europa não se encontra *Gongora nigrita* em cultivo e, pelas notas de Lindley, sabe-se apenas que a planta por ele descrita procedia da região Demerara, na, então, Guiana Inglesa, sem mais detalhes sobre a disseminação da mesma.

O pouco interesse, também no Brasil, pelo cultivo dessa espécie pode ser atribuído à aparência modesta das flores, despidas de colorido vistoso. As pequenas flores, bem como a longa haste floral, são, quase uniformemente, de colorido castanho-escuro, que não causa impacto visual. A planta, no entanto, é muito fácil de cultivar em clima quente.



Gongora pleiochroma Rehb. f.

Em Die Orchidee 36 (4) 1985, JENNY - autor de uma monografia revisada sobre o gênero - declarou, textualmente: "Na verdade nada se conhece de positivo sobre a distribuição geográfica da *Gongora nigrita*, de seu odor ou de seu polinizador. Seria altamente interessante saber se uma planta identificável com a descrição de Lindley estará sendo cultivada em algum lugar. Apesar das minhas buscas intensas, ainda não consegui encontrar uma legítima *Gongora nigrita*." Essa pesquisa já dura dez anos e continua se mostrando infrutífera.

No Brasil, segundo HOEHNE (cf. "Flora Brasílica", São Paulo, 1942, vol.XII, part. VI, pag.199) a *Gongora nigrita* ocorre nas "nas Guianas e norte do Brasil" e, na sua "Iconografia de Orchidaceas do Brasil"(1949), o mesmo autor relata suas viagens pelos rios Juruena e Tapajós e menciona várias vezes ter visto essa planta naquela região. Por seu lado, o Botânico e Orquidólogo FRANCISCO MIRANDA, que, na década de 80 trabalhou, em Manaus, como pesquisador no Departamento de Botânica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA confirma que a *Gongora nigrita* é muito comum nas matas dos estados do Amazonas e do Pará, principalmente na faixa ao sul do Rio Amazonas.

Finalmente, pareceu-me ter conseguido, por intermédio do meu amigo e orquidófilo Renato Duarte de Barros, de Belém do Pará dois exemplares de *Gongora nigrita*, que floriram em fevereiro de 1994, aparentemente com as características descritas por Lindley. Uma das plantas chegou a produzir três hastes florais, com de 16 a 18 flores cada. Ao desabrocharem foram avidamente

procuradas por enxame de 30 a 40 abelhas do gênero *Euglossa*, que passaram o dia assediando as flores, do que resultou na polinização de 60% delas.

Fotografias, flores e abelhas conservadas em álcool foram enviadas por mim a JENNY, na Suíça, que, por sua vez, transferiu parte do material para seu amigo e renomado taxonomista Robert DRESSLER, Flórida, E.U.A.

Parece, contudo, que ainda não foi dessa vez que DRESSLER obteve resposta à pergunta que fez, em 1966, no *Orchid Digest*, escrevendo que bem gostaria de saber o que Lindley tinha diante de si quando descreveu a *Gongora nigríta*: "I would especially to know what Lindley had when he described *Gongora nigríta*". Em recente visita aos Estados Unidos, Rudolf JENNY encontrou-se com DRESSLER e os dois, conjuntamente, examinaram o material que lhes mandara da minha *Gongora nigríta*. Chegaram à conclusão de que se tratava, na verdade da espécie *Gongora pleiochroma* Rehb. f.

Segundo DRESSLER e JENNY, a *Gongora pleiochroma* é largamente disseminada na região amazônica brasileira, como na da Venezuela e, também, no Perú e Equador. As primeiras plantas foram coletadas na região de Iquitos, Perú, fronteira com o Brasil. Como a espécie é muito difundida,

apresenta-se extremamente variável na coloração e tem sido, constantemente, objeto de classificações errôneas, apesar de serem razoavelmente claros os caracteres específicos apontados por Reichenbach.

Pelo visto, voltamos à estaca zero e continuamos a buscar uma *Gongora nigríta* Lindl., verdadeira... Só o futuro nos dirá, após pacientes estudos de plantas de locais diferentes, principalmente das regiões dos rios Juruena e Tapajós, se o mistério pode, finalmente, ser desfeito.

Vale lembrar que a *Gongora nigríta* produz flores odoríferas e seu forte aroma serve de chamariz para grande número de abelhas do gênero *Euglossa*, no momento em que desabrocham. Consequentemente as anteras são esvaziadas e os estigmas recebem as pólineas de flores de exemplares diferentes e, assim, se multiplicam as variedades e formam-se, constantemente, novas espécies nas regiões em que vegetam. Este é um comentário de F.C. HOEHNÉ na já mencionada *Flora Brasílica* e nessa observação pode conter-se a chave do mistério.

○ Rua Alnte. Saddock de Sá 133/401
22471-030 - Rio de Janeiro, RJ.



Pedidos e Informações:

A.B. Gomes Ferreira.

Rua do Paissandú 678/902

53570-220 - Recife, Pe. Tel. (081)459-1016.

Autoestabilizante do pH (5,3).

Duração, mínima, de 4 anos.

Consulte-nos sobre o Revendedor Autorizado
mais perto de você.

Aceitamos novos revendedores.

Escrevam-nos.